

## A MORDIDA DO CORDEIRO

Leopoldo Comitti

1.

O espelho do quarto exíguo  
reflete não mais a imagem  
do quarto. Nem da cama,  
nem do homem que olha  
um verme que devora a noite.  
Pela plana e ruiva superfície,  
enferrujada de suores vários,  
ele desce uma escada tosca,  
aqui e ali mal iluminada  
por um foco de luz inquieta.  
Trêmula. Postiça, talvez,  
em sua fraca lâmpada frouxa  
e pendente, e incauta, e fraca,  
de um fio de pó ou pólen de vidro:  
moído vidro de um relógio morto,  
no pisotear de um tempo estrábico.

Entre o claro e o escuro disformes,  
outro homem se interpõe e desce.  
Tece a escada no espelho fosco  
e transforma o quarto fechado  
em aberta paisagem externa  
e extrema. Pelos postigos da janela,  
os espectros avenida se derretem,  
na tortuosidade da ruela que verte  
barroca e sinuosa paisagem artificial:  
nas rugas, nos rostos, nas brechas  
de uma falsa pátina aquarelada em verde.

2.

A escada vazia e tosca  
divaga na sofreguidão  
da lâmpada ainda acesa.  
Passos rangem entre cupins  
que o pé esmaga. Invisíveis  
vítimas de uma noite tesa.  
Rostos passeiam entre séculos  
e os passos ainda largos  
se dirigem a uma esquina:  
quina pontiaguda e suspensa  
que o relógio de vidro  
encena num quarto de hotel.  
De repente, da rachadura  
do espelho, a casa se fragmenta  
em lógico deslizar pelo penhasco.  
Num lento quadro a quadro,  
quarto e rua fundem-se novamente  
em tapete e pedra, emaranhados.

3.

Há um degrau de morte  
no desvão da escada.  
Aranhas, aos montes,  
o preenchem de tênues  
dúvidas. Austeras, tecem  
o sono, em lugar da espada,  
em ingênuos arremedos  
do arremesso final e inquieto.  
Há luzes na calçada,  
mas o espaço pouco entre  
ela e a noite é interrogação.  
Pergunta que paira  
na irrespondível chegada  
de uma insossa manhã  
quase impossível e frágil.  
Tão frágil que mal se ouve  
os passos que rangem  
na escada invisível  
que se esconde e se mostra  
por trás do espelho.

4.

No avesso do quarto  
exíguo do hotel barato,  
reflete a telha chã e vã  
que reconstrói o dia pelo inverso.  
Na luz que entra e se espalha  
pela extensão da cama velha,  
ainda se sente o soar dos passos,  
a ecoar no brilho da lâmina  
que os olhos então dispersos  
registram ainda como estranha,  
límpida e marmórea lápide.

## Detergente

Vomito-me em palavras escorridas  
pelo ralo da pia, em meio à gordura  
e ao sabão asséptico do meio-dia.

Meio-dia! Hora dos mortos,  
dizem. E talvez seja,  
porque as palavras sujas  
que descarrego em jorros  
igualmente sujos  
depositam-se em lápides  
quotidianamente limpas.

(Ai! as mãos!  
sempre em luvas!)

Não por lapidares, mas porque  
os túmulos reservam para si  
a mediocridade das frases mortas,  
hoje cobertas pelo musgo e fuligem.

Também pela placa nova  
no brilho de bronze

que anuncia outro.  
mais outro cadáver,  
e ainda mais um  
ainda fresco ou quase vivo.

Deixo sumirem as palavras  
pelo ralo imundo da pia  
porque a piedade se foi.  
Restou dela um buraco,  
um esgoto sem fundo,  
fossa perdida onde as emoções  
tornam-se biodegradáveis,  
em meio a detergentes caros  
e frases cáusticas.

Noite

1.

Eis o verbo que se adjetivou  
entre nós. Não há cálice amargo  
nos passos das ruas barrentas  
do vinho barato do sangue  
regado em suor e calafrios.

Paramentados oficiamos  
a missa da vida torpe  
nas calçadas repisadas,  
respingadas de nossa  
própria lama, de nosso  
pó barato e sempre inerte.  
Sem incenso, sem sorte  
rendemo-nos à onipotência  
da carne e dos rituais mundanos.

2.

Um Cristo de barro tolo  
desce a ladeira em procissão.

E vamos em paz:  
que os loucos e imbecis  
nos acompanhem.

## Entre Rosas e Baratas

1.

Desculpe-me, Clarice,  
nunca devorei uma barata.  
Não por nojo físico  
ou metafísico desprazer.

Compreendo-as,  
em seu fugir pelos cantos.  
Conheço-as todas,  
e divido com elas,  
companheiras insones,  
as noites do não-dormir.

Amo-as em seu aspecto imundo,  
e na imundície delas  
me encontro como no espelho.

2

Às rosas, prefiro as baratas,  
em seu diligente caminhar  
sorrateiro e obscuro, pois  
obscuras são elas, e delas  
encontro o rumo da fresta  
onde a luz nunca chega.  
Ou então, onde ainda não há.

Rosas exigem vasos.  
Não os tenho, assim como  
também não compartilho  
da loucura sagrada de quem  
as têm, e os têm e despede-se  
delas em busca de um vazio  
que se espraia sobre a mesa.

3

A sós, bichinhos nojentos,  
dividimos o mesmo quarto  
escuro e exíguo; o espaço  
minúsculo que nos resta,  
antes e depois da ironia  
alegre que cortejamos:  
sempre surdos e irônicos,  
frente a repugnância breve,  
mas funda, dos passantes  
fúteis e despercebidos.

Comer baratas?

Comer-me-ia eu mesmo.

Banal

Um cigarro queima.

Banal. um cigarro queima  
no cinzeiro. Onde mais?

Banal. Mas neste exato  
momento, exatamente agora,  
quero ser banal. Muito banal.

A brasa está quase extinta.

Apenas eu mantenho a luz  
que insiste. Também banalmente  
se apaga. Acendo outra banalidade  
que há de queimar como a primeira.

Sinto-a em mim e me aqueço,  
mesmo sabendo da sutil  
inutilidade de trocar um mísero,  
fino e fraco cigarro  
no mesmo cinzeiro sujo  
de todos os dias. Banais.

Dentro de alguns minutos,  
todos puros e recentes,  
tudo transbordará. Cigarros,  
cinzas, papéis, o que resta

ainda do mundo (pelo menos  
do meu) irá diligentemente  
para a lixeira, também já  
e sempre transbordante.

Eis o lugar dos restos macerados  
da noite (da minha).  
Não haverá incêndio.  
Os lixeiros farão seu trabalho  
e tudo ficará como antes:  
asséptico, e novamente,  
e tristemente... banal.

## Moldura

As vertentes das enxurradas de maio  
criam sombras úmidas pelas paredes.  
São sombras tão esguias que se esvaem  
pelas frestas dos muros e galpões.

Às vezes, olham-me, absurdas,  
pelos vãos dos armários semi-abertos.

Só as vejo, e se as vejo, deve-se ao fato  
de tê-las criado sobre a superfície  
espelhada de uma tela branca. Em efigie  
as espanto. Vão-se como se não existissem.  
Ou melhor, porque nunca existiram.

Sei que se proliferam. Não sei onde.  
Talvez por trás da moldura de um quadro,  
entre as montanhas altas, sólidas, áridas  
e negras que jamais pintei. Ou pintarei.

## Perfume

Os espinhos da meia-noite  
machucam as carnes  
das flores noturnas.  
Delas exala um cheiro  
de morte ou de vida,  
tanto faz.

### Cena do Crime

O vermelho vivo da rosa  
adormecida torna-se negro  
sangue coagulado, como  
poça fresca de um crime  
antigo. Na escuridão,  
parece farol de carne branca.

## Olhar

Uma lâmina cortou uma fatia  
do tempo exato. Fina, penetrou  
na carne fria e paralisada  
pelo olhar da Medusa frágil.

Entre risos pétreos os pedaços  
sangrentos fazem tapetes, talvez  
belos, à luz de um sol ainda falso.

Escaras deixam-se ir, espalhadas  
pelo vento, e abrem feridas  
nas flores vermelhas das faces.

E o olhar faz e refaz conforme  
a ânsia do desejo. Compõe  
e decompõe, despejando informes  
filhos. Ora dóceis, ora infames,  
deslocados no ponteiro alado  
dos segundos congelados.

## Vôo cego

1.

A noite gira em tono  
da borboleta  
que azul tonteia  
na escuridão eterna.  
Etérea estende as asas  
e estremece em meias  
voltas. Em torno,  
uma lâmpada oferece  
algum consolo insone  
no círculo imperfeito  
sobre as perfeitas pedras  
da rua antiga. Tudo  
é imortal nas velhas  
cidades, até mesmo  
as borboletas efêmeras  
e azuis que se aquecem  
no dia, esquecidas  
de que a noite será  
longa, muito longa.

2.

Um bêbado gira  
em torno do poste  
que infinitamente  
carrega a lâmpada,  
inerte, mas farol  
de naufragos em terra.  
No mar das pedras  
e casarios, indica  
o caminho do porto,  
intriga a janela velha  
que retorna ao escuro  
sono dos insones  
objetos. Frinchas  
de luz não mais  
concorrem com as hostes  
da noite do todo  
e para sempre.

3.

A mariposa agora:  
esvoaça cega  
diante da luz  
inesperada que a retira  
de seu canto morno.  
Como encanto,  
também gira  
na lâmpada única  
da rua poeirenta.  
Azul e cinza  
combatem insanamente  
para alcançar o centro  
de um desejo cego.

4.

O dia certamente  
não virá, porque  
o sol, em seu giro  
torpe, desta vez  
não fará retornar  
a luz. Nas velhas  
taipas o silêncio  
e as sombras são  
e sempre serão  
absolutamente

eternas.

Derramam-se sobre  
as paredes incertas  
evocando velhos  
fantasmas em seus  
uivos de dor e lamentos  
de saudade. Não há  
paz de um fim de dia,  
apenas a escorregadia  
ladeira pela qual  
deslizam almas

penadas.

5.

Giram também elas  
em torno da lâmpada  
fria, esperando a luz  
final que certamente,  
eternamente, não virá.

Nos anseios insones  
ainda esperam uma vida  
que também não virá.

Ecoam chibatas  
em seus ouvidos

mortos,

mas ainda capazes  
de sentir na pele desfeita  
a dor que a morte  
não esconde, não acaba,  
não mata. Apenas arrefece  
diante da luz que agora  
reúne todas as criaturas  
que o dia não quis.

6.

Giram todos, gira a rua,  
num tontear de almas  
tristes, que jamais  
alcançaram a tênue  
luz. Algumas, as vivas,  
aos poucos se acabam  
e escorrem sobre o chão  
duro enladeirado. Na  
noite da morte

insone

apenas a pequena  
borboleta azul convive  
com os mortos ainda.  
Para mostrar, talvez,  
a utopia da cor,  
para aplacar a dor  
dos mortos que se

abrigam

em cada beco da cidade  
morta-viva, e sempre.

7.

Agora, porém,  
gira devagar em cansaço  
extremo, *in extremis*  
Pede o retorno do sol.  
nada se vê, apenas  
a casario escuro e sempre  
apenas sugerido tênue  
pela pequena luz  
que permanece acesa.  
por fim, fecha as asas  
e deixa sós e cansados  
os fanados fantasmas  
eternos de uma cidade  
que pensa ainda viver  
em sua morte

eterna.

8.

Sós, sobre a pedra,  
duas asas-pétalas  
azuis vão perdendo a cor,  
enquanto os vivos  
acordam, certos ainda  
que estão vivos  
e que um sol pálido  
nasce frágil no horizonte.

Engano, as asas voltam  
ao pó, consciente do fim.

Inconsciente, o povo  
percorre as ladeiras  
sedentos de uma vida  
que jamais tiveram.

Apenas giram, giram  
em seu giro eterno,  
em torno da última  
lâmpada existente

na cidade morta.

## Fome

Alguém cria a força  
que se espalha em grãos  
de um trigo, venenoso  
alimento para a fome  
de mãos aquecidas pela força  
invisível da condenação

ingênuas.

Ilusão de ótica

O mar gera nuvem,  
que gera a expansão  
da onda aberta em sol.

Um céu de cinzas  
deságua fantasmas lúcidos,  
a brincar entre caravelas.

Bibelô

A pétala azul  
de porcelana antiga  
despencou sobre a mesa  
amarela. Inteira e fresca  
a dália se mantém  
ereta.

Fresta

O soalho estala  
como os joelhos,  
artelhos enrijecidos,  
artroses e sangue  
que se impõe  
e insiste  
em trazer vozes de longe  
e perto, na sincronia  
de uma dor atroz  
que quase, quase já,  
já não mais dói.

## Liquidez

A vida escorre obtusa  
pelas ladeiras abaixo  
sem danos maiores  
que a perda imediata  
da própria vida. Continua,  
flui líquida pelos cabelos  
quase brancos. Despenca  
em novas rugas. Mas,  
abominavelmente,  
insiste.

Natureza morta

Flores no jarro,  
todas mortas.  
O pó dos móveis  
acumula tempo  
nas janelas cruas.

Nunca se abrem:  
nem flores,  
nem janelas.

Desenlace

O anel frouxo  
revela o desencanto.

Foram-se as cores  
das mãos. Restam  
calos e escaras  
(até mesmo escarros)  
que compõem  
a história do engodo  
inda e agora repetido.

Banalidades,  
não há encanto  
no logro repetido  
de qualquer desencanto.

## Quaresma

Um chinelo de feltro  
na calosidade do pé,  
neutro se impõe  
na pele escamada  
e roxa.

Dois passos  
e um silêncio.  
Alguém pensa  
ouvir um gemido  
solfejado na boca  
apergaminhada  
e roxa.

## Fragilidade

O lírio murchou  
no vaso de cristal  
limpo e velho.

À luz fraca do fogo  
se insurge como  
único brilho inquieto.

Vagamente, e devagar,  
a vela se apaga.  
Apenas um resto  
de pavio incandescente  
quebra a sala ao meio.

## História

O pêndulo chocou-se  
contra o relógio,  
entre estrídulos e lógicos  
estilhaços de horas.

Agora não há tempo.  
Apenas o olho vesgo  
atormentado pelo enigma.

Orla

Um ente estranho  
entrou na luz  
da sombra negra.  
Mariposas e mosquitos  
esvoaçam espavoridos.  
Não era luz,  
nem sombra,  
apenas contorno  
do nada, circulando  
a ausência.

## Relíquia

A gravata é preta.  
O terno cinza.  
Se há algo de eterno,  
será sempre a mesma:  
imagem póstuma.

Sobre a cômoda,  
a foto destoa,  
inerte, incômoda,  
à toa, insípida  
ao olhar e ao brilho  
do mogno e às fantasias  
coloridas de um tapete  
persa, amarfanhado  
sob as cadeiras  
da sala imóvel.

## Urnas

Por que guardamos  
a cinza dos mortos?  
Por que guardamos  
trastes, retratos,  
trapos,  
achados e perdidos,  
botões, alfinetes,  
abotoaduras, fios,  
cartões, cartas, fiapos  
e brinquedos velhos?

Por que guardamos tudo isso,  
se, como os amores, eles também  
vão ficando cada vez mais inúteis,  
apagados e irremediavelmente  
velhos?

## Pró-epílogo

A morte, jarro de corpo  
entre serpentes aladas,  
certamente não será breve.  
Sentirei o bafio sonolento  
de seu hálito leve e morno  
sereno.

Farei dela um hábito,  
em todos os dias vestirei  
sua túnica à guisa de mortalha.

Não será breve,  
que pena!

Pois amo a brevidade,  
a síntese das lápides  
sem epitáfios.

Quisera ter apenas  
prólogo e trama,  
e que o epílogo  
se resumisse num ponto,  
ou no vão vazio

de uma palavra  
que se evaporou  
no suspiro exíguo  
da água corrente

em ebulição.

## Epitáfio

1.

O momento é de decoro.  
Dentre as possibilidades  
da morte, algumas coisas  
se sobressaem:  
roupas negras, naftalinas,  
coroas de flores naturais,  
arranjos, círios, cortejos  
fúnebres, discursos ao pé  
da cova, se ainda existe  
alguma cova no mundo.

Gavetas, jazigos, urnas,  
principalmente epitáfios,  
dispenso-os todos.

2.

Talvez o único texto  
que preexista  
seja aqui inscrito  
no início e no fim,  
dispensado o meio.

Antes do ser;  
Depois do ser:  
o nada se faz  
preenhe de sentidos.

Aliás, preexiste,  
no momento em que  
*a priori e a posteriori*  
se fundem. Sem conceitos  
filosóficos, bem entendido!!

## Ciclos

A noite entrou e saiu.  
Passo-a e ela passa por mim  
sem sombras ou fantasmas.

Noite é apenas noite,  
talvez um hiato de sol,  
talvez um alívio exato  
para o calor ou visão.

A noite entrou e saiu.  
Permaneço aqui, porque,  
mesmo no escuro todo,  
não há mesmo qualquer  
alívio; apenas o lírio  
no vaso, o círio na cômoda  
e as janelas fechadas.

De novo,  
a noite entrou e saiu.  
Aqui fico.  
Alguém deve velar pelos mortos insepultos.

## Culpa

1.

Sobre nós o mundo espia.  
Espiou. Expiamos nós  
o espinho do olhar atento.

Sangra o rasgo na carne,  
sangra o corte da palavra,  
sangra o aço da ironia hipócrita.

2.

Sangramos, e exauridos  
usamos o mesmo sal do olhar  
para estancar a hemorragia.

Depois, austeros, fingimos mal  
no brilho traído de um pacto  
frouxo. Desfiamos os fios  
mal postos, cerzidura na trama  
alheia, frágil coser de um tecido  
podre.

## Sépie

A cidade nasce velha  
nas rugas das fachadas.  
Lojas fechadas ampliam  
feriados não gastos.  
Como dentes cariados,  
que se adia o remendo:  
Ainda é cedo.  
Depois de um verso rápido,  
morrer um pouco pode ser  
um bom começo  
congelado em fotos  
de mosaicos coloridos.

## Prostituição

Não me dê a mão:  
apenas o seu corpo  
a cacarejar atrocidades.

### Arrimo

O impostor, posto em alvo,  
em praça pública se espanta.  
Mas na rua aberta se refaz,  
refaz o faro e bem composto,  
na imagem descoberta ganha  
porto, ainda que inseguro,  
no odor banal do perfume falso.

## Prostituição 2

A libido  
se foi  
na luz  
cervejante  
da manhã.

Restam lençóis  
e o cheiro  
do sexo  
na fronha, sobre  
a camisa  
amarfanhada.

## Labirinto

“Amor de um coração é labirinto.”

(Cláudio Manuel da Costa)

Se me atrevo a glosar o poeta,  
atrevo-me a tanto! No espelho  
a imagem devolve a retina limpa  
e a retina fixa na moldura torta  
o brilho do aço, polido e frio.  
Lâmina em que não me encontro  
ou me encontro do outro lado  
num ponto longínquo que desfaz o rastro.

Sem rosto ou corpo me desvio  
da tarefa árdua de captar o fátuo,  
porém ardente, fogo não estiolado,

que do labirinto ou do vácuo  
fez poema, para depois do estio  
dar-nos o belo, com chamas recuperado.

## Lição de anatomia

As vísceras atentas  
se encolhem ao olho meu.  
São tantas!  
Mas tão suaves!  
No amor do corpo  
tão leves se agitam.  
Em cabeça, tronco e membros,  
a vontade é quem se estira.

## Barroco

O vazio se enrosca  
No galho mais  
Alto da árvore morta.  
De lá escorre ainda  
Alguma resina impura  
De um ramo seco.

## Trapézio

Sentir convulso.

Eis o equilíbrio  
das coisas. Não mais  
o verbo, encarnado  
em gelo, transfigurado  
em carne fria  
e racionalidade impura.

## Antagônico

Prostituto e puro  
sigo o verso  
que ainda corre  
na linha fina  
do papel pautado,  
em equilíbrio precário  
entre o tombo e o passo.

## Censura

Sangro-me,  
porque cortei fundo  
o pulso das palavras  
estancadas; estagnadas  
no não dizer.

1970

Desfiguro-me,  
por deixar fluir  
as raspas de um tempo,  
talvez feérico  
em que dizer  
rasgava a carne.

## Patíbulo

Tento ver a sombra  
do ser, no corte  
rápido da faca.  
Modernas palavras?  
Hoje tão antigas  
em sua frieza turva.  
Talvez turva e forte.

Quieto animal

Confissões? Por que não?  
Inda agora que o tempo  
e a morte ali estão  
na esquina próxima, clara.

No meio do caminho

Não. Meio inadvertido.  
pesado caminho eu,  
lento, mesmo que inquieto  
e louco, no impossível  
espaço curto e opaco  
deste que lentamente  
se despresentifica.

## Rachadura

A fenda se abriu contínua,  
separando o inexorável.  
Fenda de ecos, dura e fria,  
existentemente desapercibida.

## Fragilidade

Cruel. Pelo ralo se escoam as marcas,  
pelo ralo se vai a ilusória solidez  
da barata imóvel e indestrutível.  
Pelo ralo se desfazem fáceis, e muito,  
as bolhas lúcidas de horas móveis  
que pingavam duros pingos insólitos  
de granizo cortante de palidez translúcida.

## Fluxo

A linha da vida  
na palma aberta  
da estrada fina  
abre poeirento  
baralho ensebado.

Lamacenta, estende-se  
paralela aos dedos podres  
de uma ponte. O traço  
do destino a corta em talho  
de uma encruzilhada  
vermelha e funda. Confunde  
o corte, no fundo côncavo  
da mão e destino em laço.

## Escatológico

Às vezes digo coisas  
como quem urina fezes.  
Ante a surpresa  
imediata e tensa  
do produto fértil  
e algo inusitado,  
retorno à palavra  
ainda febril ou quente  
e moldo a imunda  
massa em imagens  
sem voz ou vida.

## Prece

1.

Uma oração vinda do corpo  
parece coordenar braços,  
pernas e tronco. Pinga ainda  
a gota da torneira rota  
no banheiro aqui ao lado.  
Pinga, sim, torpor gelado.  
Pinga em sopro e desce  
na palma da mão aberta  
que sem saber, sabendo,  
abre-se em simples prece.

2.

Calada paz na goteira  
desperta dos antecedentes  
do sono. Como o grilo  
e a chuva depois da insônia,  
retém a ânsia de ser sempre  
o novo e mesmo dia.  
Feito água impura e macerada  
rola nos lençóis úmidos  
da sujeira e do acúmulo  
de papéis velhos na calçada.

## Quadro

Olhos de paisagem  
sobre a memória  
são sombras aéreas  
de árvores velhas,  
tortas, no redondo  
escombros da lua  
ainda quase cheia.

## Cardápio

Vermelho de carne crua  
meu dedo sangra em palavras  
velhas. Calejada, a mão  
ainda escreve sobre a linha.  
Late um cão na rua, lateja  
a carne. Sofreria não fosse  
o tempero que arde sensual  
na boca agora meio aberta;  
de voz deserta; de sensação  
sobeja. E a vida come-se  
pelo rabo e defeca ainda  
mais vida sobre a ladeira  
da manhã que nasce inútil.  
Pimenta, sal, talvez salsa  
constroem rosbife nosso  
de cada e todo e mesmo dia.

## Superfície noturna

1.

O retrato prometara tragédia. Agora a tem, cruel.  
Da parede, perverso, e olha atento, curioso,  
um corpo exposto que ofendera em semelhança  
no traço do pincel moroso, exato e sem escolha.

Anos antes ficara pronto. Pronto, prematuro e velho,  
segregado de olhares, renegado. Agora se surpreende  
presente na cena de um fútil e lento crime silencioso.

Infame a fita, preso à tela imóvel sem moldura, simples.  
Mas da tinta, a espessura alonga. De pouco em pouco  
a superfície se desprende do traço, o risco afina, estende  
rápido o antigo e esquecido dorso, sem cores ou fundo.

A face alisa, em espelho espesso, coberto e frio.  
Prometera um corte ou forca. prometera carnificina  
ainda mais rude. Vê apenas, e agora, uma gelada  
quietude tosca. Mas, impassível se já satisfeito  
realiza a transmutação do sangue em marmóreo  
corpo inerte. Lento e manso devagar se modifica;

como espelho polido em prata e frio surpreende  
e ao quarto escuro devolve a cena. Reflete a morte.

2.

Um biscoito sobre a mesa apodrece, mole  
entre formigas. Quase que paira sobre  
a toalha suja, entre miçangas e migalhas.  
Azedo, um cheiro de leite apodrecido  
expande o contraponto de um perfume.

Não há mais corpo, somente resto. Talvez.  
nem rosto, uma estátua muda e inferente,  
resquício de um gesto parado e inútil.

Abraçado a si mesmo, como sangue coagulado,  
o dia dorme. Sem qualquer despertar sutil  
ou arranco de dor da inexorável vinda das horas,  
de mais horas, novas ou antigas; enfadado.

Nada mais pensa. Pesa quase serena e sóbria  
sobre a almofada. Não vê quadro ou espelho,  
certa agora de que a ansiedade ficou presa  
na moldura. Não gritará mais no velho relógio:  
hora suspensa.

Pela janela

É noite e dia  
no clarão da noite seca.  
A paisagem me olha  
pela janela aberta:

    Faz-se presença  
pela nuvem sólida  
que despenca pesadamente  
pela cerâmica da cozinha.

    Fluida, a montanha  
escorre a meus pés.

## Construção

Talhei a casa  
como quem confecciona  
um terno,  
nos detalhes doloridos  
de cada ponto.

Em pontas de agulha,  
decependo o tecido  
excessivo que a escondia,  
com tesouradas cruas,  
talhei-a.

Vesti-a.  
E a exponho em gala  
no jantar da maturidade.

## Correnteza

Um rio imenso  
rola no leito profano  
das horas. Cronos  
o olha, na desmedida  
batalha entre pedras  
e segundos mudos.

## Cidade antiga

1.

A retórica muda do casario  
se faz ouvir pelas frestas  
de janelas e balaústres.

A cidade sussurra em portas  
empenadas, empenas adernadas  
e telhas de argila velha.

Cansada do dia tagarela,  
oscila,  
recosta a fronte na serra.  
No vale descansa.  
Com balbucio quase sopro  
silencia e adormece.

2.

Noite abúlica.

Só o passado devora  
o presente, correndo  
rodas pelos ásperos  
paralelepípedos.

Mais uma vez o barro  
desfaz a vereda  
algo triste ou lírica  
de um ribeirão serpente  
que entorno em largos  
jorros, pelos muros e lajedos.

A cidade derrete  
quando a nuvem desce  
e se dissolve em gotas,  
labirintos de água  
em bandos de respingos forros.  
Longo e chuvoso manto,  
talvez mortalha,  
aos poucos, mansamente  
e triste,  
enfim tece.

3.

Pela janela em plenilúnio  
decepcionou-se o topo da montanha.  
A guilhotina quadriculada  
em madeira e vidro  
lança verniz sobre a luz baça.

Laqueada, a cidade brinca  
em seu estojo de cedro e cinzas.  
Fria, sob o sereno, espera.  
Sépia ou sombra, sempre espera.

Um cupim devora o anjo,  
diligente como a taipa  
que esfarela em poeira inútil.

Ainda a cidade espera;  
talvez uma possível  
e imóvel eternidade.

4.

As mudas de bromélia  
aguardam o pendão arisco  
sobre o solo duro. Áspers  
e exóticas na delicadeza  
sutil das folhas (ou talos?)  
rústicas, aguardam frias  
a perfeição estranha da flor  
na pedra. Da flor não flor  
que se ergue de espinho  
e pétala.

As bromélias crescem lentas  
no papel do solo árido  
de brilhos de minério e pó.  
Enrugam o jardim da casa  
que desliza macia para a sombra  
na última linha do papel pautado.

5.

Um cão uiva pelos séculos, lá fora.  
Alguém bate na janela velha,  
coberta de teias de aranha e poeira  
dos tempos. Outro alguém responde  
na quebra do espanto inaudível.

De novo o silêncio do cão  
que ladra.  
De novo o silêncio da voz  
que quebra.

Finalmente se abre a janela  
e dela sai um espectro claro.  
Cresce ainda a lua no céu,  
mas não vê cão, contorno  
ou sombra. Espia por espiar  
a paisagem sempre imóvel  
dos segundos. Nem a teia,  
ou a negra aranha vê. Registra  
simplesmente a passagem  
dos mesmos elos seculares.

## Insônia

A ebriedadede do caminho incerto  
de um sono tumultuoso e inseguro  
abre-me o rastilho da luxúria  
voluntariosa das palavras ambíguas.

Não há sono no verso. Apenas  
no anverso. Escrevo como quem,  
num ato ilógico, iniciasse a senda  
traçando rabiscos pela superfície  
da mesa redonda, dura e opaca.

Digo coisas opacas, como fantasmas  
de infância a atravessar paredes.  
Digo-as para a casa ainda nua,  
habitada de espectros que me afligem.

E, se me afligem, não durmo.

Suores

1.

A palavra sangra blasfêmias  
pelos poros do texto.

Não ousou dizê-la.

Ouçó-a, apenas,  
como um sino mortuário.

Um cipreste triste inexistente?

Cinamomos na noite falsa,  
chorando pragas ao luar?

De tudo, talvez e somente  
a lua cheia, a sombra, o cinzel  
sobre a pedra imaginária,  
o bloco de granito no alto  
da escadaria mal sonhada.

2.

Talvez ainda haja o retrato  
mal tirado: a máscara branca  
do cera do ouvido dos tempos.

Não! Apenas a palavra gasta,  
a palavra que sua fezes  
e que não ouço, ou ousou dizer.

Se ousou, ousou unicamente  
ouvi-la: um sino fúnebre  
em dia de festa.

Reverbera e bate oca  
na parede da pele morta.  
Reverbera e se expande  
pelos poros do texto  
que transpira ácido  
sílabas de excremento.

## Ruína

O jardim da casa velha  
e também seca, se desfaz  
pela indiferença da mão  
que não mais toca o canteiro.

Talos podres pedem poda;  
o mato cresce entre folhas  
despetaladas, que rolam  
pela calçada suja e disforme  
em rachadas e rugosa placas.

Sem metáforas. Apenas morre  
o cenário cultivado, meio ingênuo,  
para mãos que se tocaram  
pelas grades da janela alegre,  
na rega calma de um fim de tarde.

Sem rega, sem poda, sem sementeira,  
nada mais toca ou entrelaça.  
Morre o jardim, mortas as mãos  
e rasgada a pele, em vergões sem cura.

## A Mordida do Cordeiro

1.

Sinto a mordida,  
não do lobo,  
mas do cordeiro.

Manso e cordato,  
abre a boca pequena  
como quem afaga,  
com os dentes frágeis  
e ligeiro recato,  
a carne que sangra,  
crua.

2.

O pecado não nasce da luta  
cativante entre Deus e o Diabo;  
mas de longa criatividade  
da firme e repetida disputa.

Não há fábula no cotidiano:  
horas devoram minutos  
numa carnificina eterna.

3.

Lobo e cordeiro andam juntos  
no talho aberto da multidão  
perene. Anjos! Eis os Demônios,  
no avesso dos tempos anônimos  
e na pele que sempre muda.

De lâ se faz o pêlo duro  
e nos endurece no esquecido  
silêncio da ferida aberta.

Fingimos mal, e o mal nos prende  
na voz petrificada sob os muros  
respingados de sangue impuro.

Da janela escancarada, um animal  
nos espreita, sequioso do bote exato  
no momento certo. Espera, e ainda  
espera atento. Enfim nos rasga,  
silencioso.